

A memória social do Sete de Setembro da Vila Progresso Quando a museologia e os museus não chegam nas Periferias e no futebol de várzea: Estudo de caso da memória social do Sete de Setembro na Vila Progresso.

João Pedro Rodrigues da Conceição¹

*When museology and museums do not reach the Peripheries and várzea
football: Case study of Sete de Setembro in Vila Progresso*

Introdução

Este artigo é produto de uma pesquisa² que analisou a relação do futebol de várzea com a memória do bairro da Vila Progresso por meio do clube de futebol de várzea chamado “Sete de Setembro da Vila Progresso”, no distrito de São Miguel Paulista, Zona Leste da cidade de São Paulo. A pesquisa captou entrevistas orais semiabertas de pessoas que tinham algum tipo de relação com o clube e com o bairro a fim de entender a memória do bairro sobre o campo de futebol.

Mesmo mudando de sede por quatro vezes, todas dentro dos limites do bairro, ao longo de sessenta e dois anos de história o clube se manteve na Vila Progresso e até então não existia nenhum trabalho acadêmico da salvaguarda dessas memórias relativas ao clube e ao bairro. Dessa forma, a pesquisa analisou a relação entre o Sete de Setembro e a Vila Progresso e também pôde ampliar o debate acadêmico sobre o campo de futebol para além de uso comum, ampliando como um possível espaço de memória. Partindo da compreensão da memória enquanto faculdade individual, porém, com seu viés de construção social (Candau, 2011), trazemos essa interpretação enquanto viés teórico para análise do objeto de estudo, fugindo da interpretação da memória coletiva, compreendida hoje como arbitrária e quase inalcançável em sua essência.

Antes de qualquer outro aspecto, cabe contextualizar a noção de “futebol de várzea” que será trabalhada. A nomenclatura dada ao futebol amador advém da origem do futebol no Brasil, onde no início do século XX as primeiras práticas futebolísticas aconteciam em clubes esportivos da elite e com o operariado, no caso, da prática nos horários em que os trabalhadores estavam de folga. O nome “futebol de várzea” tem origem nos locais de suas práticas, nas várzeas dos rios, pois eram perto das casas dos operários e locais desocupados até então.

Na cidade de São Paulo, essa prática se consolidou nas várzeas do rio Tietê (Beverari, 2009), mas com o desenvolvimento da capital paulista houve a ocupação destes espaços por grandes avenidas e por construções imobiliárias, o que acarretou na mudança dessa população e dessa prática esportiva

¹ Museólogo formado pela UFPel, discente no PPGMus-USP, professor do curso técnico de Museologia da Escola Técnica Parque da Juventude de São Paulo. Museólogo na Associação Atlética Cohab Juscelino e CPDOC Guaianás., foi também museólogo no Museu das Favelas, Museu Vivo Candido Ferreira e Museu Florestal Antonio Vechhi, este com trabalhos temporários. Atualmente é museólogo na BDO Brazil. Discente do curso de pós graduação em Museologia no PPGmus – USP, <https://orcid.org/0000-0002-9943-4356> . joperoco@hotmail.com

² Conceição, J. P. R. (2017) *A Memória Social do campo de várzea do Bairro da Vila Progresso: Estudo de caso do Clube Sete de Setembro*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Pelotas.

para as periferias da cidade. O futebol de várzea pouco difere do futebol profissional em sua prática esportiva. Em linhas gerais, eles seguem as mesmas regras, o diferencial está no processo de organização. Apesar da diferenciação em diversos casos dos conceitos de futebol de várzea nas diversas partes do Brasil, o futebol de várzea é aquela prática esportiva do futebol de campo, disputado por onze atletas, em que dois clubes se enfrentam em um campo com os mais variados tipos de pisos, desde gramados à terra batida (Beverari, 2009).

Em sua maioria possuindo organização com caráter amador, como é no caso do Sete de Setembro, um clube se forma a partir de um grupo de amigos do bairro, de moradores de uma rua ou de uma determinada região que decidem se juntar para jogar um futebol nos finais de semana livres e para isso organizam um time, que pode ter diversos níveis de organização desde a mais amadora possível até a semiprofissional.

No caso dos clubes de futebol de várzea que possuem um nível de organização semiprofissional, a depender da avaliação, muitos possuem mais estrutura que muitos times de caráter profissional, pois têm sede própria e pagam salários aos jogadores. Já em clubes mais amadores, a relação deles com o bairro se dá de maneira mais direta, sobretudo pelo fato de geralmente serem os próprios moradores do bairro que cuidam do clube de maneira voluntária, em algumas situações os dirigentes empregam seu próprio dinheiro no clube. O Sete de Setembro, por exemplo, apesar de ter uma estrutura administrativa com presidente, diretorias, sede administrativa e campo próprio, se enquadra no padrão de clube de futebol de várzea por ser administrado e gerido nos critérios acima elencados, pois é gerido por moradores da região, que não necessariamente foram atletas.

Partindo da relação entre memória e poder (Chagas, 2000), refletimos sobre como essa dinâmica se manifesta na relação da cidade de São Paulo com sua própria história, a qual se encontra profundamente enraizada nos diversos museus presentes na maior cidade do Brasil. Isso se conecta com o fato de que o futebol de várzea, em sua grande maioria, é praticado nas áreas periféricas das metrópoles, incluindo São Paulo. Mesmo em várias localidades dentro da cidade, esse esporte de base possui suas particularidades, mas suas atividades predominam nas regiões periféricas.

Sendo assim, é interessante observar como o futebol de várzea, assim como diversas outras práticas culturais das periferias, muitas vezes passa despercebido nas complexas relações de poder relacionadas à memória. Beverari (2009) destaca o futebol de várzea como um espaço de resistência contra o domínio da elite. Vale ressaltar que, apesar da presença do Museu do Futebol nas instalações do Estádio Pacaembu, que abriga um notável centro de referência sobre o futebol e disponibiliza informações sobre os clubes de futebol de várzea, essa vertente do esporte parece ter uma representação limitada tanto na exposição permanente quanto nas exposições temporárias do museu, por exemplo. Apesar de sua relevância, esse museu não pode representar tudo e a todos, mas devido à tradição do futebol de várzea na cidade verifica-se a importância de uma atenção maior a essa memória.

Outra ação importante em torno da memória das periferias, com foco no futebol de várzea, foi o tombamento do Parque do Povo³, que logo foi desfigurado numa requalificação do parque que destruiu a maior parte dos campos de futebol de várzea que ele possuía e que foram tombados anteriormente (Scifoni, 2013). É um exemplo de como a memória, mesmo preservada com a força da lei, tende a sofrer por relações de poder.

Nota-se também a carência de bibliografia referente ao estudo do futebol, embora seja um tema muito popular, estudado na área de sociologia ou humanidades no geral. A maioria dos estudos se volta para a questão profissional do esporte, o que torna difícil acessar as informações das práticas esportivas amadoras, na qual se encaixa o futebol de várzea. Na bibliografia levantada destacam-se para nossa análise autores como Beverari (2009), que em sua tese analisa as vertentes do futebol de várzea e seu modo de organização, desde o histórico até as análises dos modos de organizações atuais, através de entrevistas orais. Goerg (2010) trata da análise dos valores presentes nos praticantes de

³ Resolução Condephaat nº. 24, de 3 de junho de 1995. Resolução de tombamento do Parque do Povo. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

futebol de várzea, realizando entrevistas com os participantes da 13ª Copa Farroupilha de futebol amador. Almeida (2013) traz o estudo de caso do Esporte Clube Sampaio Moreira, tratando da relação do clube com o bairro, parecido com que propomos aqui. Magnani (1994) constrói a possibilidade de tratarmos o campo de futebol, ou no caso, os campos, como passíveis de patrimonialização para sua preservação, sem congelar suas práticas, muito pelo contrário.

Scifoni (2013) analisa como se deu o processo de destruição de alguns campos de futebol de várzea, tomando o caso do tombamento do Parque do Povo, mostrando como o futebol de várzea demonstra ser um espaço de resistência e trazendo a importância de instrumentos de memória para resistir. Importante também ressaltar Cajazeira (2009) no que tange os dados levantados e sua leitura aprofundada sobre a Copa Kaiser e Copa Brahma, campeonatos importantes nos quais o Sete participou e que poderão demonstrar um pouco mais a organização deste clube. De modo geral, todas essas análises foram articuladas para tratarmos o Campo do Sete e sua patrimonialização, pelo processo de tombamento, como a preservação de uma prática de futebol de várzea que guarda elementos de resistência e luta nas regiões periféricas da cidade, fator esse que valoriza o papel das relações sociais na construção e guarda dessa memória.

Para compreender a importância e dimensão dessa prática, seguem alguns números sobre o futebol de várzea. Segundo a Liga Paulistana de Futebol Amador (LPFA) em reportagem a *Folha de São Paulo* em 3 de abril de 2016⁴, existiam cerca de 1.400 times de futebol de várzea por toda a capital paulistana, contando somente os times filiados a esta liga. Deste número são pelo menos 480 times que estão localizados na Zona Leste da cidade de São Paulo, região que conta com quatro milhões de habitantes. Na mesma reportagem, o presidente da liga resalta que contando também os clubes não filiados, somam-se por volta de três mil times, como no caso do Sete de Setembro, que atualmente não é filiado nessa liga.

Sobre a demanda de espaços para esses times, ainda que não exista uma contagem oficial, segundo levantamento do portal UOL feito em 2013⁵, são cerca de 300 campos de futebol de várzea espalhados pela capital paulista, sendo que 122 estão localizados na Zona Leste, quase chegando à metade do total de campos nesse levantamento. Podemos considerar que existam muito mais campos de futebol de várzea, visto que a reportagem só considera os Clubes de Comunidade, os Clubes Escola e os parques públicos. A reportagem também cita que 200 campos estão em processo de reconhecimento, mas muitos outros não entram na contagem por não terem sede própria, como é o caso do Sete.

Segundo dados da prefeitura de São Paulo em 2013⁶, nenhum dos 124 museus da cidade pertence ao distrito de São Miguel e a maioria esmagadora dos museus são localizados longe das áreas periféricas. Esse fator traz a necessidade de implantação de museus, memoriais, espaços de memória e o debate sobre a memória e patrimônio da periferia e o futebol de várzea é um espaço que além de poder contar com a organização dos times e da comunidade, parte de um ponto de interesse de setores das periferias para o início de um trabalho de memória.

Além da busca e análise dessa memória, que é uma pequena vertente da Museologia, buscamos, a partir das novas práticas mais recentes do campo, mostrar a relação de memória e poder (Chagas, 2011), questionando a falta de trabalhos e museus nas periferias e das práticas que advêm dessas minorias. Trazemos os aspectos da Museologia Social que buscam ampliar o olhar do Estado para aquilo que é considerado importante de ser preservado, adaptando os museus e da Museologia para as novas necessidades da sociedade, como aponta Mário Moutinho (2009):

⁴ Rodrigues, R. (2016, abr., 3). Zona leste concentra um terço dos times do futebol de várzea paulistano. *Folha on line*. Recuperado de <https://tinyurl.com/38m6x3jr>. Atualmente, a liga foi desativada.

⁵ Abramvezt, D. e Doro, B. (2016, mai., 3). Futebol de várzea foge do centro e encontra abrigo na periferia de SP. *Folha on line*. Recuperado de <https://tinyurl.com/mtxrxub>.

⁶ Dados retirados do Geosampa, sistema geográfico que mostra serviços públicos na cidade de São Paulo, entres eles, um mapa cultural da cidade de São Paulo. Atualmente, são 134 museus na cidade de São Paulo. Recuperado de https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx.

A revolução museológica do nosso tempo – que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sansmurs', ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna – tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica. (p.7).

O Clube Sete de Setembro O Sete de Setembro da Vila Progresso é um clube tradicional na Zona Leste da capital paulista. Localizado no bairro da Vila Progresso, distrito de São Miguel Paulista, o campo fica próximo à Arena Itaquera (estádio de futebol do time do Corinthians construído para a abertura da Copa do Mundo de 2014). O Sete foi fundado no dia 7 de Setembro de 1954 e sempre foi um clube de várzea, embora ao longo dos anos tenha criado diversos mecanismos para gestão do clube. Por exemplo, o Sete possui um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), o que possibilita arrecadação de fundos via emenda parlamentar⁷ para organização de campeonatos, como já ocorreu. Até outras possibilidades de atuação como empresa, possui diretoria eleita. Consta no site a história da fundação do clube com década a década⁸.

O Clube participa de diversos campeonatos de futebol de várzea na cidade de São Paulo, sazonalmente fora de seus limites, inclusive sempre participando das maiores copas de futebol de várzea da cidade: Como Copa Kaiser⁹, Taça Cidade de São Paulo e Taça Brahma. Sua atual sede é utilizada para receber vários campeonatos, inclusive alguns organizados pelo próprio clube, sendo também alugada para outros clubes do bairro e adjacências. O clube possui diversas categorias em que disputa campeonatos, festivais e amistosos, sub-15 (para atletas até quinze anos), sub 13 (para atletas até treze anos), sub 11 (para atletas até onze anos), os chamados *masters*, para atletas até 40 anos e os veteranos, que só disputam atletas com mais de 50 anos de idade, este sendo o principal time do clube até hoje.

Em 2018 com uma sede emprestada, mas não definitiva, já que é uma propriedade privada qual o dono deixava o clube ficar, o clube conta com uma infraestrutura considerada boa para os padrões da várzea paulistana. Conta com o campo cercado, arquibancada, quatro vestiários, um bar, banheiros femininos e masculinos e um espaço no qual eles guardam os troféus, espaço esse que é uma pequena sala onde estão parte dos troféus do Sete conquistados ao longo dos anos, sem nenhum processo de organização. Apesar disso, o clube se mantém sempre em alerta para todas as situações possíveis, como despejo ou demanda do dono de uso do terreno para outros fins.

Figura 1: Fotografia do campo do Sete de Setembro, retirada sete de maio de 2016.



⁷ Moutinho, 2009.

⁸ A campanha política, em 1954, estava em pleno andamento e, como acontece até hoje, os candidatos da época também compravam os votos de seus eleitores, oferecendo a eles jogos de camisas, calções e meias. “Assistia a uma partida de futebol junto com meus amigos Oswaldo Mercadante, João Alves Machado e Edmundo Posledrik, quando fomos abordados por um desses políticos. Não deu outra, com a promessa de votarmos nele, ganhamos um jogo de fardamento completo, nas cores vermelho e branco. Agora, era só reunir mais amigos e montar um time”, conta o Sr. Rubélio Campos Silva, primeiro diretor esportivo do Sete de Setembro Futebol Clube.” (Conceição, 2017).

⁹ Doro, B. (2013, mai., 26). Copa Kaiser já tem seis classificados para terceira fase; Leões segue perfeito. *UOL Esporte*. Recuperado de <https://tinyurl.com/bd7k5c73>.

Segundo os entrevistados na pesquisa, o clube ocupou quatro sedes distintas ao longo de seus sessenta e dois anos de história, sendo que em alguns momentos ficou sem campo para disputar campeonatos e passou só a disputar jogos fora. O Sete nunca teve um terreno próprio, sempre ocupou espaços público-privados ociosos e esse foi um dos motivos principais para a perda destes espaços. Segundo Kaká, o primeiro campo foi tomado por grileiros para loteamento; o segundo campo, que ficava perto da antiga estação de trem “Parada Quinze de Novembro”, como ele nos contou, foi perdido “porque aí era particular, aí o pessoal quis pegar o terreno de volta”¹⁰. O terceiro campo também foi perdido por ser privado, até que em 1989 acharam o terreno da atual sede que, ainda segundo o Sr. Kaká, foi conseguido pelo Sr. Souza, e todos, a partir de então, trabalharam na construção e organização do campo.

A gente mesmo, fazia manutenção, inclusive, os vestiários foram nós que construímos, nós, que construímos, tinha um bar ali, nos construímos, um vestiário, a gente veio, na época teve um presidente Zanini, mandou vir areia para o campo, ai veio cheio de pedra, a gente ia lá embaixo e pegava as pedras, tirava do campo, praticamente nós que fizemos esse campo.¹¹

Como contou o Sr. Kaká, o processo de estabelecimento no campo era coletivo. Visto a necessidade de um campo para o clube, os dirigentes, atletas e simpatizantes procuravam terrenos que poderiam ser utilizado de maneira coletiva, assim como a preparação e transformação no terreno, feita com colaboração da comunidade. De todos os campos, somente a atual sede resistiu ao crescimento do bairro e está no local até hoje, mesmo com reformas e mudanças regulares como construção de vestiários e alambrados, por exemplo. Ainda segundo o Sr. Kaká:

De 1980 até 1984, continuamos a jogar em campos adversários, quando o presidente da época, o Sr. Souza, conseguiu um terreno, todo cheio de buracos, na Av. Jacatirão da Serra 777, mesma do nosso primeiro campo. Com a ajuda da Cia”. Metropolitana, que depositou mais de 500 caminhões de terra no local e a dedicação do Sr. Souza voltamos a ter nosso campo e nossa sede.¹²

Acervos do clube

Atualmente não existe nenhum trabalho sistemático de memória do clube, se não um espaço onde são colocados alguns dos seus troféus. Foram tiradas muitas fotografias e penduradas em quadros no bar, mas com o advento das câmeras digitais essa prática diminuiu. Como citado em entrevista pelo Sr. Kaká¹³, assim como os troféus, as camisas e fotografias do clube vão sendo emprestadas, doadas, passadas de mão em mão e acabam se perdendo com o tempo e muito dos materiais estão espalhados pelas casas de ex-atletas, dirigentes. Inclusive, em uma busca rápida na *internet*, se encontra um blusão do Sete a venda, em sites de venda *online*¹⁴. Apesar desse rico material se encontrar em diversos lugares, em pouco tempo de mobilização conseguimos muito material para pesquisa junto dos entrevistados e consultados, como quadros com fotografias:

¹⁰ Entrevista de Sr. Kaká concedida a João Pedro Rodrigues da Conceição em 3 de maio 2016.

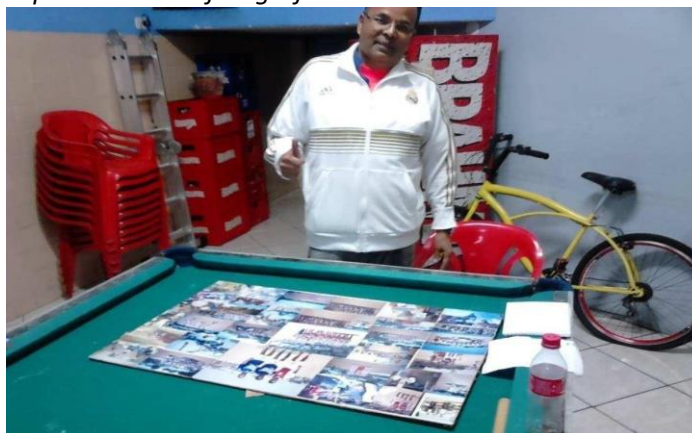
¹¹ Entrevista de Sr. Kaká concedida a João Pedro Rodrigues da Conceição em 3 de maio 2016.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Na plataforma de vendas “Mercado Livre”, à época, havia uma blusa do Sete de Setembro à venda (Conceição, 2017).

Figura 2: Fotografia do Sr. Diógenes (o “Gigante”) em seu bar, no dia da entrevista em 19 de junho de 2016 mostrando o quadro com as fotografias do time.



Além das fotografias do Sr. Kaká, existem também as do Sr. Diógenes, de apelido “Gigante”, mostrado na fotografia acima. Ex jogador do Sete, atualmente é dono de um bar, no bairro da antiga Parada XV de Novembro. A forma como as fotografias foram preservadas se repete entre os detentores: um quadro grande com suporte de madeira composto por diversas fotografias coladas protegidos por um vidro. A maior parte das fotografias em seu conteúdo, a depender, fazem menção à figura que fez o quadro, como no caso do Gigante. No caso do quadro do clube, são presentes as figuras importantes do clube e também clubes visitantes, aquela clássica fotografia que é tirada antes de todo jogo com todos perfilados.

São poucos materiais físicos institucionais e outros poucos materiais físicos individuais, porém é rica a memória dos envolvidos com o clube, sobretudo ao terem acesso à materialidade. Compreendemos que isso se dá pela falta de espaços seguros e permanentes para a preservação. Visto, o fato que pessoas físicas guardam acervos em casa, até o momento possível. Porém, isso se concebe enquanto mostra da importância da busca e manutenção por um espaço de memória deste no clube, no que Joel Candau (2011) compreende enquanto “memória propriamente dita”:

A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédicas (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.) A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória. (p. 23).

Levando em conta esse conceito de memória – principalmente a relação de evocação, que vem de acordo com o nosso propósito de utilizar fotografias nas entrevistas – partimos da percepção de cada entrevistado para fazermos um balanço das memórias do clube. Daí, a partir dessa contraposição de informações, analisamos como essa memória compartilhada se relaciona ao bairro, delineando então uma memória social a partir do material colhido. Reconhecemos que essa ação nunca será completa, pois são muitas relações envolvidas, o que mostra a necessidade de futuramente ampliar esses estudos.

O Clube não tem um acervo inventariado, mas em rápida avaliação foi possível verificar que o material que pertence ao clube e que está em sua sede compreende cerca de dez troféus e dois painéis de fotografias, um exposto na entrada do bar e outro guardado em uma sala reservada com chaves para depósito de materiais diversos e troféus importantes que não estão em exposição ou não têm lugar seguro para guarda na área externa.

Figura 3: Fotografia tirada em 7 de maio de 2016 mostrando Entrada do campo, Ao fundo o bar, e nessa parede estão quadro com fotografias do clube, espaço do bar, onde foram colocados os troféus para serem tiradas. 7 de Maio de 2016.



Nossa pesquisa não pensa o clube como um organismo fechado, com ideias e memórias únicas. Como sabe, nos grupos existem diversas representações de identidades e memórias (Candau, 2008) por isso salientamos a importância de tanto respeitar as diferenças ao mesmo tempo em que procuramos relações que venham mostrar a memória social através do campo.

Existem diversos clubes de futebol de várzea muitos próximos uns dos outros e o Sete não foi o único clube do bairro. Ainda assim é um clube de referência, pois tem um campo próprio e abre espaço para que outros clubes do bairro possam jogar ali, pagando um valor para usufruírem do horário e disputando uma agenda concorrida.

O ponto apresentado aqui é que, como um espaço de passagem e sociabilidade, existem muitas relações nesse campo, desde entre os jogadores do próprio clube, com adversários e até outros transeuntes. Essas relações fazem com que os clubes e jogadores criem laços fortes com o espaço, tornando a identidade dos clubes mais influente na relação das pessoas com o bairro, seja geograficamente, com o campo sendo um referencial geográfico, ou seja ele como referencial histórico. Com os seus 69 anos de existência, o Sete faz parte da história do futebol de várzea da cidade de São Paulo, principalmente da Zona Leste. Além dessa identificação, existe uma relação estreita com o bairro, um dos motivos que faz com que o trabalho de busca das memórias desse clube, sejam as mais distintas. Seja na forma de uso do espaço público por parte de terceiros, que é grande caso pelas partes das mães do bairro, que têm ali um espaço de segurança para seus filhos estarem. Seja para os idosos, que vão ao campo também para lembrar seus tempos de juventude. Seja os adultos, que compreendem ali um espaço de memória da própria história do futebol na cidade. Seja para a memória das festas dos bairros, documentada no Diário Oficial do dia 31 de agosto de 2012¹⁵.

Como indicado anteriormente, pouca coisa se encontra no clube em 2018, apesar de acontecer o processo de guarda por algum indivíduo, acontece uma constante entre os clubes de futebol de várzea, pois, geralmente, eles não possuem um trabalho de guarda institucionalizadas das camisas que vão sendo feitas ao longo dos anos. Mesmo as tradicionais fotografias feitas antes do jogo, acabam ficando na casa de um ex-dirigente que acaba perdendo ou jogando fora, pelo fato de não ter apoio. Em determinado momento da entrevista o Sr. Kaká nos contou que era muito comum que depois do

¹⁵ TPU nº 35/SMSP/SPMP/2012, de 30 de agosto de 2012. Termo de Permissão a Título Precário, Temporário e Gratuito da Subprefeitura de São Miguel Paulista ao Sete de Setembro Futebol Clube de Vila Progresso. Recuperado de <https://tinyurl.com/4j4x2udt>.

uso das camisas em jogo elas fossem doadas ou perdidas. Não existia e até então não existe uma preocupação em salvaguardar esses uniformes:

Ah, o que acontece. Eles são, a gente usa, usa, usa e depois eles são doados né, pra criançada, ou se alguém precisar de uniforme de... E tem uns que acaba mesmo, natural né.¹⁶

Nesse caso, podemos ver a solidariedade e contribuição entre os clubes e também com a comunidade. A doação do uniforme antigo para crianças que querem formar um time da rua, para disputar 'rachas'¹⁷, que são amistosos contra outra rua é comum, assim como para outros times que não tem condição de fazer um uniforme.

Então, além dos troféus e fotografias que estão no clube hoje, existem diversas outras fotografias e camisas que estão espalhadas com ex-jogadores, diretores e as mais diversas pessoas. Porém, a falta de acervo material não diminuiu os objetivos da pesquisa, pois existe uma riqueza de memórias dos envolvidos com o clube e que pôde ser analisada.

Considerações finais

Para sistematização da pesquisa, articulamos diferentes autores para analisar as relações envoltas na memória de cada entrevistado e sua relação delas com o clube e o bairro. Partimos do princípio da Museologia enquanto ciência, delineada a partir da década de 1970, sobretudo da Nova Museologia, que tem como premissa a atuação social e prática dos museus. Como diz Moutinho (2009):

O conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. (p.7)

A partir da mesa de Santiago em 1972, na qual essa temática começou a ser debatida mais profundamente, repensou-se o papel do museu e da Museologia na sociedade, o que abriu caminhos para novas possibilidades de práticas museológicas e novas modalidades de museus para além daquela instituição fechada, concebida a partir de um prédio e tendo como funções basicamente a conservação e preservação de acervos físicos, que reverberava na salvaguarda somente daqueles que tinham posse daqueles materiais.

As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas favorecem essa concepção museal mais tradicional. Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos "poderosos" (Chagas, 2011, p. 3).

Com base no argumento acima, e na bibliografia à qual fizemos algumas indicações, pesquisamos a memória de um grupo que não tinha espaços de memória consolidados e que não tinha sua memória levada em conta por parte dos museus. Ou no caso, não partilha suas memórias de maneira mais sistematizada. Partindo desse olhar social para a Museologia, entendemos esse campo como um processo que vai além da musealização de acervos físicos. Como no nosso caso existe o acervo material é escasso, a Museologia aqui trazida utiliza as práticas museológicas considerando sobretudo seu viés social, no retorno e na sua função prática para a localidade.

Em termos práticos, o que é proposto é a musealização da memória do Sete a partir do que é considerado acervo imaterial, é a salvaguarda da memória social existente em torno do Clube. Com o intuito final de preservar também a materialidade existente, para que não aconteça uma prática sistemática de exclusão desses acervos.

Trazemos o conceito de patrimônio não como aquele congelado que deve ser regulado, mas, assim, como foi no caso do tombamento do Parque do Povo (Magnani, 1994) que pensa o Sete

¹⁶ Entrevista de Sr. Kaká concedida a João Pedro Rodrigues da Conceição em 3 de maio 2016.

¹⁷ Jogos livres de futebol, nos quais os tempos variam e as regras são mais afrouxadas em relação a jogos amistosos, festivais e campeonatos.

enquanto espaço de futebol de várzea, periférico e que resistiu e ainda resiste a 69 anos de especulação imobiliária em um bairro que fica entre duas centralidades importantes na região da zona Leste da cidade de São Paulo, (Itaquera e Guaianazes), agravado pelo processo de transformação de um bairro vizinho, o bairro de Itaquera, com o advento da Copa do Mundo de 2014 (Vasconcelos, 2015).

É necessário um trabalho de memória e práticas museológicas de um grupo que até então, não tinha espaço. Como dissemos, o futebol de várzea enquanto prática é muito pouco analisado do ponto de vista da preservação material, dado a sua relevância em suas comunidades, principalmente do ponto de vista do impacto social. Então, voltar o olhar museológico aqui nos remete a Chagas (2011) e ao conceito de memória do poder trabalhado por ele, no qual a memória e o esquecimento são muito atrelados a quem detém o poder.

Nessa perspectiva, os museus podem ser espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória. Essa compreensão está atrelada ao reconhecimento da deficiência imunológica da memória em relação ao contágio virótico do poder e da inteira dependência química do poder em relação ao entorpecimento da memória. A memória, provocada ou espontânea, é construção e não está aprisionada nas coisas, ao contrário, situa-se na dimensão interrelacional entre os seres e entre os seres e as coisas (Chagas, 2011, p.2).

Pelo poder que a memória tem de fortalecer identidades das comunidades ou de apagar, no caso dessas memórias não serem repassadas, o futebol de várzea ainda hoje, tem uma força em sua prática não somente atrelada ao esporte, mas em diversos aspectos da vida social como pudemos enxergar não só no Sete, mas, em diversos clubes de futebol de várzea como por exemplo o progresso FC, além de outros times que segundo o Sr. Kaká alugavam o horário do campo durante todo o sábado, e domingo até às 15h. Trazendo também parte do pensamento contemporâneo da Museologia, que adota novas modalidades de práticas museológicas, Chagas (2011) esquematiza a dinâmica museal como as relações entre população + patrimônio + território, levando em conta toda imaterialidade existente nessas relações como objeto de estudo de uma Museologia prática e ativa para soluções do dia a dia.

Esse esquema pode ser aplicado para outras realidades, como no estudo da memória do Sete, que a princípio não trata da concepção de um museu, mas do início de salvaguarda da memória. O diferencial, neste caso, não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação desse poder ao serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social (Chagas, 2011).

As principais ideias trabalhadas partem do que é discutido por Candau (2012) que considera as memórias coletivas como praticamente inexistentes. Para o autor, considerar como válido o conceito da memória coletiva demandaria a construção de memórias coletivas por forças que pensam e agem da mesma maneira. Como cada ser é diferente do outro, no próprio exemplo citado por ele, a ideia de memória social usual não carrega essa relação arbitrária que queremos evitar ao tratar da memória de um bairro. Ao contrário, ela é formada por individualidades, junto com as memórias que são socializadas, com todas suas relações de poder envoltas, seja ela macro (periferia- centro), sejam elas internas do clube, do bairro.

No caso do Bairro da Vila progresso isso fica muito claro, na necessidade de preservação da materialidade referente a memória dos moradores locais e no apagamento de sua história, bem como a sistemático descarte dos acervos, tanto por parte do estado, quanto por parte dos moradores, (esses com menos força para realizar a preservação). Quando a estação de trem Parada XV foi desativada, houve uma reivindicação na Assembleia Legislativa da cidade de São Paulo registrada em ata para que se fizesse um espaço de memória da Estação e do bairro vizinho¹⁸.

Quando consideramos o apagamento da memória dos campos anteriores do Clube, quase sem nenhum registro, verificamos que o Campo do Sete ainda resiste não só enquanto lugar de uso e também de memória, sobretudo ao contextualizarmos a relação do campo com o bairro. Isso ocorre

¹⁸ Resolução Cades n.º 83, de 27 de abril de 2004. Dispõe sobre a aprovação do Estudo de Impacto Ambiental - EIA Prolongamento da Avenida Radial Leste. Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente da Cidade de São Paulo.

no contexto em que a Vila Progresso, em meio ao desenvolvimento e crescimento da cidade, foi perdendo suas referências.. Alem

Nesse sentido, é importante ressaltar que ao longo da pesquisa existiu uma preocupação latente sobre a perda do campo, presente na entrevista do Sr. Kaká e na mobilização política para permanência do campo¹⁹. Desde 2007 havia uma disputa entre o CNPJ do Clube Sete de Setembro e o CNPJ da empresa para manutenção do campo. Mesmo após muita luta externa e problemas internos, o campo foi vendido para um grupo imobiliário que construiu um conjunto de edifícios residenciais. Chamado “Sete de Setembro II”²⁰, inclusive fazendo referência imagéticas ao campo e comprovando de maneira simbólica como esse campo faz parte da história do bairro. Ainda assim, o clube continua com suas atividades mesmo com seu CNPJ em situação inativa.

Por fim, abordamos a importância do campo para a memória do bairro e como a falta de elementos físicos, seja o acervo do time, seja o campo em si, ocorre pela ação do tempo e de articulações políticas e comerciais. Mesmo o empreendimento imobiliário que no momento carrega elementos visuais do campo no logo, logo perderá essa referência e existirão somente materiais físicos do Clube, ainda que dispersos. Dos anos de pesquisa, de 2013 a 2018, até aqui, muitos *links* virtuais sumiram e neles muitos registros de entrevistas e depoimentos.

Pela análise do Sete de Setembro, verificamos como a perda das materialidades que ativam as memórias (Candau, 2008) atingem especificamente os clubes de várzea, bem como os bairros em si. O bairro da Vila Progresso, no caso, completou 100 anos em 2012²¹ e perdeu parte da sua memória quando a estação foi demolida sem a preservação de nenhum vestígio material, mesmo que tenha havido movimentos a favor dessa preservação²². Hoje, com o desenvolvimento urbano, o bairro perdeu o seu centro comercial e se configura como um lugar de passagem. Que embora, tenham sido realizadas homenagens ao aniversário do clube, como no caso do ano de 2005, pelos 50 anos do clube, ainda sim, são ações que não concretizam preservação em si.²³

Temos assim um debate entorno de uma memória negligenciada por parte do poder público apesar de debates sobre preservação, apesar do fato do próprio Clube deter um acervo e de pessoas envolvidas com ele serem guardiãs de parte desse material. Isso mostra o quando a Museologia e a preservação material poderia contribuir para uma melhor compreensão histórica e uso do bairro, assim como foi feito em alguns outros lugares que tiveram obras públicas e privadas.

Nesse sentido, queremos demonstrar que existem iniciativas de preservação da memória, inclusive por parte daqueles que se beneficiariam do campo. Mas, é necessário uma prática museológica e patrimonial mais eficaz para a preservação do material físico, seja dentro de um museu, ou espaço apropriado para essa guarda. É preciso também maior colaboração dos profissionais da Museologia para a organização dos coletivos e clubes para articulação dessa materialidade, que geralmente é realizada de maneira sazonal, e sem instrumentos adequados para a atividade. O que colaboraria para elaboração da identidade como argumento para mobilizar instrumentos de tombamento, registro ou musealização em si. Esse artigo trouxe uma pesquisa, iniciada em 2013, que nos demonstrou o quanto podemos ampliar possibilidades de musealização e patrimonialização para torná-las mais efetivas para evitar, ou tentar evitar, perdas de espaço ou, quando houver a perda, que não haja esquecimento completo, inclusive virtual.

¹⁹ Cardoso, J. Comunidade luta para não perder campo na Vila Progresso. (2017, set., 6). Recuperado de: <https://tinyurl.com/4w4c5bmv>.

²⁰ Recuperado de <https://tinyurl.com/46s9rrwx> e <https://tinyurl.com/9p886e9r>.

²¹ Nassif, L. (2011, mai., 19). O centenário da Vila Progresso. Jornal GGN on line. Recuperado de <https://tinyurl.com/yyuf5w88>.

²² Estação Quinze de Novembro. Recuperado de <https://tinyurl.com/y8vjsb9v>.

Parecer Técnico CADES nº 07/2004 de 30 de abril de 2004. Prolongamento da Avenida Radial Leste. Secretaria Municipal de São Paulo do Verde e Meio Ambiente. Recuperado de <https://tinyurl.com/322pjhrm>.

Cobrando por parte do Estado, que faça ações mais concretas e permanentes em relação ao acervo material e tridimensional, sejam documentos, seja objetos. Para que possamos avançar, em processos participativos dos quais almejamos dentro de uma perspectiva museológica que possibilite de fato aplicar, trazer o conceito do fato museal, a uma realidade existente, corroborando e testando o quartenário Museológico, observado por esse autor, na relação dos sujeitos do time, com seus acervos, em seu território, com sua auto representação. (CURY,2014). Das quais entendemos que as práticas museológicas trazidas pelos profissionais da museologia,alinhando uma teoria museológica, com as práticas, de acordo com os instrumentos legais vigentes no Brasil.

Em relação a musealização e patrimonialização para que esses grupos sejam representados, dentro de uma perspectiva institucional de preservação da memória e identidades nacionais.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. O. (2013). *A Várzea Paulistana sai de campo? O Caso do E.C. Sampaio Moreira*. [Trabalho de conclusão de curso]. Universidade Federal de São Paulo.
- BEVERARI, R. F. (2009). *Futebol de Várzea: Berços e insubordinações*. [Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CAJAZEIRAS, D. H.V. (2009). *Geografia(s) do futebol contemporâneo em São Paulo, Espaços do jogar e torcer na metrópole*. [Trabalho de Graduação Individual]. Universidade de São Paulo.
- CANDAU, J. (2012). *Memória e Identidade*. Contexto.
- CARDOSO, J. *Comunidade luta para não perder campo na Vila Progresso*. (2017, set., 6). Recuperado de: <https://tinyurl.com/4w4c5bmv>.
- CHAGAS, M. (2000). *Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus*. II Encontro Internacional de Ecomuseus, Rio de Janeiro.
- CONCEIÇÃO, J. P. R. (2017). *A Memória Social do campo de várzea do Bairro da Vila Progresso: Estudo de caso do Clube Sete de Setembro*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Pelotas.
- CURY, M X.(2014) *Museologia e conhecimento museológico - uma perspectiva dentre muitas*. Museologia & Interdisciplinaridade, v. 3, n. 5, Estação Quinze de Novembro. Recuperado de <https://tinyurl.com/y8vjsb9v>.
- FERREIRA, M. L. M. (2011). Políticas da memória e políticas do esquecimento. *Revista Aurora*, (10), 102-118.
- MAGNANI, J. G. C. (1994). *O Lazer na cidade*. [Texto apresentado ao Condephaat para fundamentar o processo de tombamento do Parque do Povo].
- MASCARENHAS, G. (2002). Várzeas, operários e futebol: outra geografia. *Geografia UFF*, (4), 32-47.
- MOUTINHO, M. C. (2009). Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1(1), 7-9.
- NASSIF, L. (2011, mai., 19). O centenário da Vila Progresso. *Jornal GGN on line*. Recuperado de <https://tinyurl.com/yyuuf5w88>.
- NORAH, P. (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, (10), 7-28.
- Parecer Técnico CADES nº 07/2004 de 30 de abril de 2004. Prolongamento da Avenida Radial Leste. Secretaria Municipal de São Paulo do Verde e Meio Ambiente. Recuperado de <https://tinyurl.com/322pjhrm>.
- PORTELLI, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, (15), 13-50.
- Resolução Cades n.º 83, de 27 de abril de 2004. Dispõe sobre a aprovação do Estudo de Impacto Ambiental - EIA Prolongamento da Avenida Radial Leste. Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente da Cidade de São Paulo.
- Resolução Condephaat nº. 24, de 3 de junho de 1995. Resolução de tombamento do Parque do Povo. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.
- SCIFONI, S. (2013). *Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo*. *Anais do Museu Paulista*, 21 (2), 125-151.

- SEABRA, O. C. de L. (2004). Territórios do uso: Cotidiano e modo de vida. *Cidades*, 1 (2), 181-2006.
- TPU nº 35/SMSP/SPMP/2012, de 30 de agosto de 2012. Termo de Permissão a Título Precário, Temporário e Gratuito da Subprefeitura de São Miguel Paulista ao Sete de Setembro Futebol Clube de Vila Progresso. Recuperado de <https://tinyurl.com/4j4x2udt>.
- VASCONCELOS, D. B. (2015). *A Copa do Mundo de 2014 na cidade de São Paulo: as transformações na estrutura urbana de Itaquera*. [Dissertação em Geografia Humana]. Universidade de São Paulo.
- WOODWARD, K. (). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Silva, T. T. (2014). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes, 7-72.